

SARAMAGO: LEITOR DE CAMÕES

Mestrando Flávio Garcia Vichinsky¹ (USP)

Resumo: Apresentar um estudo comparado contemplando a especificidade da leitura que José Saramago faz da obra camoniana, sobretudo de “Os Lusíadas”, é o objetivo deste trabalho que terá apoio teórico na pragmática textual histórica do pensador alemão Hans Ulrich Gumbrecht. Isso será feito tendo-se como objeto de estudo a recepção criativa do poeta dos quinhentos explicitada em cinco escritos do prêmio Nobel de literatura: os romances “Levantado do Chão” e “Memorial do Convento”, a peça teatral “Que farei com este livro?” e os poemas “Fala do Velho do Restelo ao Astronauta” e “Poema para Luis de Camões”. Com isso, será possível um vislumbamento de como Saramago resgata o humanismo camoniano no período pós-cravos, questionando e desconstruindo a mitologia criada e imposta pela hermenêutica ortodoxa difundida paradigmaticamente até a primeira metade do século XX.

Palavras-chave: Camões, Saramago, Estética da Recepção, Os Lusíadas.

INTRODUÇÃO

Não há como refutar a presença de Camões no ideário português, fundindo-se como elemento inexpurgável da cultura desse povo. A obra do poeta e a sua biografia, bem como a mitologia que as envolvem, transformaram-no em uma dos maiores e mais conhecidos símbolos de Portugal o que o coloca, muitas vezes ao longo da história, na condição de paradigma. Esse processo de modalização camoniana é perceptível nos registros de recepção criativa desde o século XVI até os dias atuais, mostrando que o interesse, não apenas literário, por Camões jamais cessou. Com referência à criação literária especificamente, tal interesse é ainda mais evidente, tendo sido alvo de estudos respaldados nas mais diferentes abordagens e teorias literárias, desde o comparativismo estruturalista de Barthes e Derrida, passando pelo *New Criticism* norte-americano e chegando até os dias atuais. Neste trabalho queremos, em primeiro lugar, revelar o que é a obra camoniana e como ela foi recebida ao longo do tempo. Para isso teremos como apoio a “estética da recepção” de Jauss e os estudiosos da Escola de Konstanz. Depois investigaremos a evolução da leitura de Camões ao longo do tempo, inserindo-se aí a concepção histórico-social com a qual pretendemos explicitar a utilização ideológica do mito camoniano como elemento político. Finalmente, investigaremos *in loco* a evolução da leitura de Camões evidenciada na obra de José Saramago, situando esse autor como leitor crítico do poeta que traz para a literatura pós-cravos o recorte humanista² do poeta dos quinhentos.

¹ **Flávio Garcia VICHINSKY**, professor mestrando em Literatura Portuguesa (USP - FFLCH)
flaviovichinsky@globocom

² De acordo com o dicionário “Aurélio Século XXI”, Humanismo é a doutrina ou atitude que se situa expressamente numa perspectiva antropocêntrica, em domínios e níveis diversos, assumindo, com maior ou menor radicalismo, as conseqüências daí decorrentes. É comum atribuir-se a designação de Humanismo ao conjunto de doutrinas e tendências que consideram o Homem como instância superior e têm como meta o seu bem-estar e felicidade terrenos.

1. A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO E DO EFEITO: A PERSPECTIVA DA ESCOLA DE KONSTANZ

Como este trabalho terá por aporte teórico a Estética da Recepção e do Efeito, é forçoso apresentar aqui um breve apanhado a respeito das principais idéias nascidas dos pensadores da escola de Konstanz.

Em 1967, à primeira edição de “O leitor e a Literatura” Jauss dá ao mundo as teorizações que levariam a uma ruptura definitiva com o estruturalismo e a abordagem crítica imanentista. Partidário de uma concepção interdisciplinar na crítica textual e tendo como eco a voz dos colegas de estudos, dentre os quais Wolfgang Iser, Jauss propõe nesse livro aquilo que já deixara claro no discurso de sua aula inaugural na Universidade de Konstanz:

Qualquer obra de arte literária só será efetiva, só será re-criada ou “concretizada”, quando o leitor a legitimar como tal, relegando para plano secundário o trabalho do autor e o próprio texto criado. Para isso, é necessário descobrir qual o “horizonte de expectativas” que envolve essa obra, pois todos os leitores investem certas expectativas nos textos que lêem em virtude de estarem condicionados por outras leituras já realizadas, sobretudo se pertencerem ao mesmo gênero literário. (in LIMA, 2002, p.15)

É nesse sentido que a estética da recepção vai formando seguidores, dentre os quais Hans Ulrich Gumbrecht, segundo Costa Lima um dos mais brilhantes alunos de Jauss e um dos responsáveis pelo desenvolvimento desse novo modelo de crítica na Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, onde exerce a docência desde a década de 1980. Gumbrecht percebe a necessidade de se aplicar uma metodologia para que os estudos conceituais da escola de Konstanz tornem-se aplicáveis em uma pragmática textual. É aí que propõe uma abordagem material da comunicação e, para isso, adota uma visada baseada na sociologia da comunicação e na lingüística pragmática. Daí, segundo Marcia Arruda Franco[2], ele apresenta dois métodos de leitura: as pragmáticas textuais *normativa* e *histórica*

Para o pensador alemão, o complexo sistema de constituição do sentido passa por uma dinâmica de inter-ações entre autor e leitor, assimétrica pelo natural distanciamento espaço-temporal entre os interlocutores e, por isso, estudada sob dois prismas. O primeiro leva em consideração a premissa de que em um processo de comunicação existe a intenção de se modificar o pensamento de pelo menos um dos parceiros. Essa intencionalidade proveniente do autor é chamada, nesse método, de *função intencionada*. O outro lado do prisma sugere que em todo processo de comunicação os parceiros – em nosso caso autor e leitor – devem compartilhar de um acervo comum mínimo para que a comunicação seja efetiva. No entanto esse acervo comum nem sempre é suficiente para que a *função intencionada* pelo autor seja concretizada, assim a *função realizada* não corresponde necessariamente à primeira motivação do autor.

Em face a essa situação, Gumbrecht propõe o método da pragmática textual histórica, que pretende revelar o grau de proximidade entre as funções intencionada e realizada tendo-se como elementos norteadores a contextualização da obra em seu momento de criação, as hipóteses de intencionalidade e os registros de recepção. O primeiro elemento terá a função de validar as hipóteses, apoiando-se na historiografia e

estrutura do próprio texto (materialidade). Quanto aos registros de recepção, fazem parte da segunda etapa do método, onde revelarão se o sentido construído corresponde ou não à intenção do autor.

Partindo da hipótese de que Camões constrói *Os Lusíadas* sob uma perspectiva profundamente humanista, conforme nos mostram alguns estudos bastante relevantes, como os de Pina Martins [17] e Jorge de Sena [15], nosso ponto de partida será marcado por uma breve revisão da literatura referente ao poema épico em quatro séculos de recepção crítica e criativa para que, a partir daí, seja estabelecida uma linha de análise validadora da reabilitação humanística do texto camoniano na obra literária de José Saramago.

2. A INSTITUIÇÃO DO MITO CAMONIANO

A recepção da obra camoniana e a formação de uma mitologia envolvendo o poeta e seus escritos tem início mesmo antes de 1572, data da primeira edição de *Os Lusíadas*. Sabe-se que por aquela época era comum a circulação de cópias manuscritas, devido à dificuldade de se ter em mãos um livro impresso. Luis Franco Correia foi o primeiro a reunir, em 1557, poemas esparsos, inclusive os de Camões, e produzir um cancioneiro manuscrito no qual constava o primeiro canto do épico, embora diferente do original impresso 15 anos depois. A fama do poeta vai se formando à medida que tais textos circulam desde o oriente até a corte, através dos cancioneiros, avulsos e cartas. E dessa forma surgem os admiradores e os mais severos críticos de seus versos. Quando *Os Lusíadas* chega à luz, já existe uma opinião pública formada a respeito do poeta: há os que o enaltecem e os que o denigrem como fica claro em nosso primeiro exemplo de recepção, a “*Lusitânia Transformada*” de Fernão Álvares do Oriente quando o autor mostra dois pastores que, após uma peregrinação, chegam ao Templo da Poesia, que encontram inteiramente destruído. A única estátua no Templo que se encontra intocada é a estátua de Camões. Porém, ela não está lá sozinha, mas cercada de inimigos invisíveis. Diz Fernão Álvares do Oriente que ao pé da estátua há um esquadrão de Bávios e Zoilos “que com muitos tiros pretendiam danificá-la”³. Bávio foi rival de Virgílio, e Zoilo, de Homero. Portanto, é clara a idéia de que os poetas contemporâneos de Camões, que também pretenderam escrever uma epopéia, atacavam diretamente e invejosamente o poeta, na compreensão de Fernão Álvares.

Esse é apenas um exemplo que faz transparecer nos textos literários indícios da recepção dos poemas de Camões, em um primeiro momento no debate acerca da legitimação do épico como tal, ao longo de todo o século XVII. De um lado os que defendem a posição do poeta como paradigma, encontrando em *Os Lusíadas* a epopéia que resgata, através da forma clássica perfeita, a identidade portuguesa em um período de indefinições por consequência da era castelhana e do outro lado, aqueles que, indiferentes ao destino português, passam a atacar o épico e o autor, acusando-o de plágio, fuga ao gênero clássico e, mediocridade.

Mesmo assim, institui-se o mito de Camões e de seus *Lusíadas* como resgatadores de todo o passado heróico português, seja pela biografia do poeta ou pela interpretação dos seus versos até que em 1880, nas comemorações do terceiro centenário da morte do poeta,

³ Fernão Álvares do Oriente, *Lusitânia Transformada*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985.

os republicanos liderados por Teófilo Braga consolidam definitivamente aquilo que desde o levante liberal de 1820 já era anunciado: Camões torna-se ícone do patriotismo, tão necessário para a suplantação do monarquismo. As comemorações de 1880 têm reflexo até a instauração da república trinta anos mais tarde, como vemos em uma das muitas edições do épico camoniano destinado à vulgarização da obra, que traz em seu prefácio a seguinte consideração:

Como diz o sábio dr. Teófilo Braga, a vida de Luis de Camões é um longo poema de luta contra a dura realidade das coisas que não pode destruir-lhe o imenso ideal dos seus sentimentos.(AGOSTINHO, 1907. p.4)

Quando a fragilidade dos republicanos dá margem à instauração da ditadura, o governo de Salazar também utiliza o mito de Camões como modelo cívico a ser seguido a fim de legitimar o ufanismo característico de todos os governos onde a democracia é frágil, como vemos neste trecho de um livro escolar da época:

De propósito espalhamos pelo texto aquela “dose de gravidade” que dá a entender à criança ser o estudo da história um “trabalho sério”(...) fechamos estas breves considerações com uma frase dos “Lusíadas”: *Dai vós favor ao nosso atrevimento.* (CABREIRA e CABRAL, 1929. p. 3)

Em oposição e essa mitificação quase irracional, surgem as vozes que pretendem resgatar o que há de mais humano e menos político nos versos do poeta quinhentista. São exemplos os versos de Fernando Pessoa:

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar! (PESSOA – Mensagem)

Após a revolução dos cravos, que pôs fim ao regime salazarista e devolveu a democracia ao povo português, a recepção de Camões junto à população está bastante fragilizada devido à sua leitura utilitária imposta nas escolas pelo antigo regime. No entanto, vozes surgidas desde o início do século buscam a leitura de Camões sob o prisma das necessidades humanas e suas denúncias. Até que em 1980, Saramago surge no cenário das letras, trazendo uma leitura bastante peculiar do clássico de Camões, através da qual resgata a visada humanista do poeta dos quinhentos, desconstruindo definitivamente a mitologia criada em torno dele e de sua obra.

3. SARAMAGO E OS SEUS LUSÍADAS

A nova leitura de Camões da época pós-cravos recebe uma urdidura muito peculiar, acentuando as tendências democráticas e socialistas. Através da afirmação do povo português como elemento primeiro na constituição do país como nação, as referências anti-épicas mostram em algumas das obras literárias contemporâneas, e como foco deste trabalho as de Saramago, uma grande liberdade crítica e a exposição de profundos problemas e desigualdades sociais, expressos em uma realidade vista como politicamente complexa ou mesmo confusa. Surge, nos textos saramaguianos, uma exaltação de anti-

heróis como Domingos Mau-Tempo o seu filho João, Baltasar Sete-Sóis, Frei Bartolomeu de Lourenço, Ana de Sá e Damião de Góis entre outros presentes nos escritos dos quais iremos tratar agora .

De certa forma, dois livros desafiam o discurso épico de Camões: **A Levantado do Chão** cabe o papel pioneiro na representação daquilo que vai formar na obra saramaguiana o eco daqueles que não têm voz. Segue-as a ele o **Memorial do Convento**, no qual a busca por uma re-escrita da história ganha contornos que desmitificam o épico de Camões. Teresa Cristina Cerdeira da Silva [16] reconhece, no **Levantado do Chão**, uma “tentativa de transcrição do modelo clássico”, em que “nem mesmo Camões tivera êxito” e propõe-se a falar em “anti-épico” ou no romance “grandiosamente épico”, numa “epopéia campesina”.

De acordo com Lukács, é certo que a linguagem anti-épica não cria distâncias entre a forma e o conteúdo, revelando a trivialidade da realidade social. Podemos perceber essa característica em **Levantado do Chão**, observando a desconstrução da ideologia do poder através da ironia na própria voz do narrador, que imobiliza e anula o discurso previamente épico:

(...)é preciso que este bicho da terra seja bicho mesmo (...), é preciso que o homem esteja abaixo do animal (...), é preciso que o homem se degrade para que não se respeite a si próprio nem aos seus próximos”(**Levantado do Chão**. p. 73)

Aqui Saramago incorpora a reflexão sobre

Onde pode acolher-se um fraco humano, / Onde terá segura a
curta vida, / Que não se arme e se indigne o Céu sereno / Contra
um bicho da terra tão pequeno?”(**Os Lusíadas**, canto I, estância
106)

Teresa Cristina Cerdeira da Silva reconhece, justamente neste trecho uma “postura paródica e dessacralizadora” em relação a **Os Lusíadas**. José Saramago usa a ironia em função de “dessacralização” da palavra camoniana.

A pretensa cumplicidade do narrador saramaguiano com o discurso do poder coloca a fala épica em xeque. Através da máscara camoniana redimensiona-se a relação dos protagonistas com o mundo moderno, revelando um forte sentido contestatório, como nesta passagem do livro:

(...) Viva Portugal, não o entendo, Estamos aqui reunidos, irmandados no mesmo patriótico ideal (...), fiéis continuadores da grande gesta lusa e daqueles nossos maiores que deram novos mundos ao mundo e dilataram a fé e o império, mais dizemos que ao toque de clarim nos reunimos como um só homem em redor de Salazar (...), o génio que consagrou a sua vida ao serviço da pátria, contra a barbárie moscovita. (**Levantado do Chão**. p.179)

Aqui o narrador alude os versos camonianos

E também as memórias gloriosas / Daqueles Reis que foram dilatando /
A Fé, o Império, e as terras viciosas / De África e de Ásia andaram
devastando.(**Os Lusíadas**, canto I, estância 2)

e assume falsamente a palavra opressora e o efeito se revela contrário. Copiando as palavras de Cerdeira da Silva, desloca-se o discurso saramaguiano do épico (culturalmente sagrado) para o anti-épico e desassombradamente humano.

O episódio da Ilha dos Amores esteve presente no discurso do narrador, quando falou sobre “a festa dos abraços” (depois da detenção dos grevistas de Monte Lavre):

(...) famintos beijos na floresta, qual floresta qual merda, abraçam-se os desgraçados uns nos outros, e choram, parecia a ressurreição das almas (...) (**Levantado do Chão**, p. 162)

em contraponto com

Oh, que famintos beijos na floresta, / E que mimoso choro que soava! / Que afagos tão suaves! Que íra honesta, / Que em risinhos alegres se tornava!”(**Os Lusíadas**, canto IX estância 83)

desconstruindo com ironia o lirismo do texto original.

Helena Kaufman [6] vê a representação do anti-épico em Memorial do Convento, no episódio da morte de um construtor anônimo do convento de Mafra:

Maldito sejas até à quinta geração, de lepra se te cubra o corpo todo, puta vejas a tua mãe, puta a tua mulher, puta a tua filha, empalado sejas do cu até à boca, maldito, maldito, maldito. Já vai andando a récuca dos homens de Arganil, acompanham-nos até fora da vila as infelizes, que vão clamando, qual em cabelo, Ó doce e amado esposo, e outra protestando, Ó filho, a quem eu tinha só para refrigério e doce amparo desta cansada já velhice minha, não se acabavam as lamentações, tanto que os montes de mais perto respondiam, quase movidos de alta piedade, enfim já os levados se afastam, vão sumir-se na volta do caminho, rasos de lágrimas os olhos, em bagadas caindo aos mais sensíveis, e então uma grande voz se levanta, é um labrego de tanta idade já que não o quiseram, e grita subido a um valado, que é púlpito dos rústicos, Ó glória de mandar, ó vã cobiça, ó rei infame, ó Pátria sem justiça, e tendo assim clamado, veio dar-lhe um quadrilheiro uma cacetada na cabeça, que ali mesmo o deixou morto. (**Memorial do Convento**, p. 284)

A respeito dessa personagem, diz Kaufman:

(...) criado a partir da imagem de uma outra figura literária, o velho do Restelo d’Os Lusíadas, o qual desafia o discurso institucionalizado do século XV no exato momento da partida de Vasco da Gama para a Índia. (KAUFMAN, 1991. p. 17)

Mais uma vez percebemos aqui a intertextualidade acarretando a desconstrução do épico através da ironia. No poema de Camões, o velho alerta para o fato de, com a partida dos homens para o mar, as famílias ficarem desamparadas em terra, o temor da morte longe de casa e, até mesmo, a possibilidade do adultério. Nesse episódio, ressaltam os valores da crítica que revelam um Camões de profundo recorte humanista.

No texto de Saramago, a presença da mãe e da esposa na despedida aos futuros trabalhadores que construirão o convento (“*acompanham-nos até fora da vila as infelizes, que vão cismando, qual em cabelo, Ó doce e amado esposo, e outra protestando, Ó filho, a quem eu tinha só para refrigério e doce amparo desta cansada já velhice minha*”), revela a clara intenção de aproximar o leitor do texto original de Camões. Quanto à figura do velho,

“labrego de tanta idade já que não o quiseram”, percebemos a proposta de intervenção na referência ao primeiro verso da fala do velho do Restelo completado pelo discurso de caráter reacionário: *“ó rei infame, ó Pátria sem justiça”*, e finalmente com a atitude inesperada de o matarem, o que chega à beira do cômico, intenção iniciada com as palavras de baixo calão (bastante comuns na fala popular) do início desse trecho.

Quanto à peça de teatro *“Que farei com este livro?”*, longe da ironia apresentada nos romances acima, Saramago constrói um Camões indeciso e o coloca em plano de destaque na peça, aproximando e fundindo-o ao leitor. Não é desprovida de intenção a sua última fala: *“Que farei com este livro? (...) Que fareis com este livro?”* (p. 92). Nesse paralelismo sintático, fundem-se personagem e leitor no mesmo dilema, de que forma devem ser lidos os versos de *“Os Lusíadas”* e, ainda mais longe, qual leitura Saramago propõe para *“Os Lusíadas”* e para a sua peça? As vítimas do sistema, ou heróis saramaguianos na peça, indicam cada qual a uma opção de leitura. Ana de Sá, mãe do poeta, ouve nos versos do filho a voz do povo português, questionando as ambições de D. Sebastião.

ANA DE SÁ: Então quando vós dizeis que a Índia será uma doença de Portugal, estás declarando doutro modo aquilo que meu filho disse nas oitavas que me leu. (*Que farei com este livro?* p. 29)

Diogo do Couto, entusiasta dos versos camonianos pela sua beleza e erudição, sugere que, apesar de grandioso, o poema não encerra em si toda a verdade e beleza do mundo.

DIOGO DO COUTO: O mundo aí tem mais para ver e admirar. (*Que farei com este livro?* p. 28)

Damião de Góis vê os *Lusíadas* sob um prisma histórico multifacetado.

DAMIAO DE GÓIS: O que trouxestes da Índia, Luís Vaz, foi a história do antigo Portugal, mais a grande navegação. Tudo isso que acrescentastes são casos dos nossos dias de agora, deste tempo em que não sabemos para onde Portugal vai. (*Que farei com este livro?* p. 54)

Somando-se esses pontos de vista e possibilidades de recepção, Saramago propõe uma leitura na qual, aproximando o contexto histórico da produção camoniana do contemporâneo. E faz isso mostrando o perigo de uma leitura inocente ou conduzida por ideologias manipuladoras que transformaram, ao longo dos anos, Camões e a sua obra em mitos de Portugal. É exatamente essa condição de mito que Saramago vem dessacralizar quando nos dá um Camões fraco, hesitante e confuso, mas não um mártir. Um Camões humano que, como qualquer um de nós, aprende com os exemplos de outras pessoas, sofre transformações na busca pelos seus ideais e quando consegue atingir os seus objetivos se questiona: E agora, que farei? Atravessamos ditaduras opressoras, censuras cruéis, movimentos militares desumanos. Conseguimos a tão sonhada democracia à custa de muito lutar e muito sofrer, mas, e agora, que faremos?

Nos versos, encontramos, com um pouco menos de fulgor, a mesma leitura que Saramago faz do poeta quinhentista já esboçada nos escritos anteriores. No *“Poema para Luiz de Camões”* a linguagem fragmentada e, em certo ponto, hermética não deixa de revelar em alguns versos a busca pelo humanismo presente na obra camoniana. Nesse poema vemos um eu lírico que, tomando a voz do homem do século XX, se dirige a

Camões, exaltando-o pelo recorte humanista em detrimento da perspectiva de conquistas territoriais:

Meu amigo, meu espanto, meu convívio,
Quem pudera dizer-te estas grandezas,
Que eu não falo do mar, e o céu é nada
Se nos olhos me cabe.
A terra basta onde o caminho pára,
Na figura do corpo está a escala do mundo. (**Os Poemas Possíveis**. 1981)

Logo no primeiro verso, encontramos a afirmação de uma identidade reconhecida entre os dois poetas, perceptível nas palavras “amigo” e “convívio” intensificadas pelo pronome “meu”, que dão a dimensão de uma proximidade íntima. No entanto, o poeta contemporâneo não se importa com as descrições dos feitos heróicos daqueles conquistadores ancestrais ou com o que há de épico nos *Lusíadas* (versos 3, 4 e 5), mas sim com o que é humano na obra do seu “amigo”. Veja-se a figura construída no sexto verso, que remete ao famoso Homem Virtuviano de Da Vinci, ícone do Humanismo. Com isso vemos o que Saramago realmente deseja destacar na obra de Camões.

No poema “Fala do velho do Restelo ao astronauta” Saramago traz para os dias atuais a figura contestadora do *velho de aspeito venerando* que agora se dirige ao astronauta. Essa voz se levanta mais uma vez contrária ao expansionismo que é cego para as questões mais urgentes e danosas ao povo, como por exemplo a fome:

Aqui, na Terra, a fome continua,
A miséria, o luto, e outra vez a fome. (**Provavelmente Alegria**. 1985)

A crítica de Saramago se constrói na medida em que, assim como na peça de teatro, vai aproximando o contexto contemporâneo daquele em que viveu Camões e assim como nos romances, modalizando-se como anti-épico. No primeiro verso vemos o pronome *aqui* indicando o distanciamento entre o eu-lírico e o astronauta, representante de um poder que prefere as conquistas incertas em detrimento do bem estar comum, mas o verbo “continuar” no presente do indicativo é uma forma de ligar um tempo a outro, mostrando que a voz do velho levantada contra os desmandos não cessa e, apesar disso, os perigos que levaram Portugal à perda de sua autonomia em 1580 *continuam* mesmo na era da globalização. Saramago alerta para o fato de os heróis épicos não serem mais importantes que o próprio povo e, assim, coloca em xeque definitivamente a recepção que se construiu através do mito de Camões como herói da pátria.

CONCLUSÃO

Em seus escritos, José Saramago dessacraliza os elementos mitológicos constituídos ao longo de quatro séculos de recepção dos versos camonianos. A ele interessa a representação do sujeito nacional português e reavaliação da identidade nacional. Com a manipulação irônica dos fatos históricos, ou recriação histórica, opera-se a interrogação explícita sobre o presente e o diálogo transformador com o modelo de Camões. Nesta oscilação do discurso e da história, na crítica mordaz e na ironia, constitui-se a recepção camoniana de Saramago nesses escritos que tornam evidente a existência de uma recriação contemporânea d’Os *Lusíadas*, com base na desconstrução do ideário formado em mais de quatro séculos e que, em movimento de idas e vindas ao longo do tempo histórico, passa

por questionamentos e diferenciadas leituras e interpretações. O poema épico mais cultuado na língua portuguesa não é desmerecedor de louvores, posto seja um clássico que “fala” coisas sempre novas e, nas palavras de Marcia Arruda Franco,

(...) o clássico só permanece lido se consegue “falar” coisas que interessam de um modo sempre novo ao presente histórico dos novos poetas e críticos.
(FRANCO, 2001. p. 12)

O que acontece é que Saramago lê e nos devolve *Os Lusíadas* de acordo com uma perspectiva pautada nos ideais socialistas do pós-cravos. Imbuído do desejo de transcender a hermenêutica arcaica, revela no poeta dos quinhentos mais do que um *príncipe dos poetas*, mostra a Portugal e ao mundo um Camões com profunda inspiração humanista, que continua despertando interesse, quer por sua obra ou pelo histórico da recepção dela delineado pelas presenças ou ausências, aproximações ou distanciamentos do texto original.

Referências Bibliográficas:

- [1] CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. 2ª. Ed. São Paulo: Cultrix, 1972.
- [2] FRANCO, Marcia Arruda. *Algumas questões teóricas e metodológicas da Escola de Constança*. Mariana: revista Com Textos, no.9, 1999.
- [3] ----- . *Sá de Miranda - um Poeta no Século XX*. Braga: Angelus Novus, 2001.
- [4] GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Sobre os interesses cognitivos, terminologia básica e métodos de uma ciência da literatura fundada na teoria da ação*. In: LIMA, Luis Costa, seleção, tradução e introdução. *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.
- [5] LIMA, Luis Costa, seleção, tradução e introdução. *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.
- [6] KAUFMAN, Helena Irena. *Ficção histórica portuguesa do pós-revalução*. Madison: The University of Wisconsin, 1991.
- [7] LOPONDO, Lilian (org). *Saramago Segundo Terceiros*. São Paulo: Humanitas, 1998.
- [8] MONGELLI, Lênia Márcia. *Um teatro carente de ambigüidades*. Jornal da Tarde, 09/05/1998.
- [9] SARAMAGO, José. *Levantado do Chão*. Lisboa: Editorial CAMINHO: 1994. 10ª. edição.
- [10] ----- *Memorial do Convento*. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2003. 28ª. edição
- [11] ----- *Os Poemas Possíveis*, Editorial CAMINHO: Lisboa, 1981. 3ª edição.
- [12] ----- *Provavelmente Alegria*, Editorial CAMINHO: Lisboa, 1985, 3ª edição.
- [13] ----- *Que farei com este livro?*. 2a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- [14] SENA, Jorge de. *A estrutura de "Os Lusíadas" e outros estudos camonianos e de poesia peninsular do séc. XVI*. Lisboa: Portugália 1970.
- [15] SÉRGIO, António. *Em torno das idéias políticas de Camões*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1977.
- [16] SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. *José Saramago: entre a história e a ficção*, Lisboa: Dom Quixote, 1989.

[17] UNIVERSIDADE DE LISBOA, Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - III série, núm. 11, 1967.